

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Carta de Natal



Menino Jesus
Eu não sei porque é que te chamam Menino
Jesus e depois do Natal te chamam só Jesus
e tu afereces grande. — Já perguntei ao meu
pai como é que tu ~~eres~~ seres tão depressa,
mas ele disse-me que eu, mais tarde, havia de
compreender. — Eu não te exoro para te perguntar
como é. — Escreve-te para te fazer um
pedido. — O meu comboio está estragado e as
linhas do meu comboio, também. Como ninguém,
cá em casa, sabe consertar os meus brinquedos,
deram-me uma metelhadora. — Mas eu não
gosto dela, pois disseram-me que eu tinha de ma-
tar os meus amigos a brincar. Eu sei que é a
brincar, mas eu não gosto porque o meu pai, outro
dia, disse que uma metelhadora a sério, mata mui-
tas pessoas ao mesmo tempo. — O que eu te quero
pedir, Menino Jesus, é que estragues todas as me-
telhadoras do mundo, para as pessoas não ~~morem~~
moverem assim muitas e para eu não ter de ager
decer um brinquedo de que não gosto e não ter
de matar o elétrico e a elétrica, que são os ami-
gos com quem gosto de brincar. Está bem?
Espero resposta.

Edro



página
editorial

A MELHOR OFERTA

CADA ANO celebramos o Natal com grande número de cartões de Boas-Festas, presentes, reuniões, brinquedos, ruas e montras enfeitadas. Não podemos dizer que o Natal é apenas uma data, mas antes uma época, que vai praticamente do fim de Novembro ao fim de Dezembro.

O que é importante não é data, mas sim o acontecimento que se pretende comemorar. Verifica-se, porém, nos dias que vão decorrendo, que o acontecimento passa quase despercebido, no meio das festas e ocupações que rodeiam a data. Na realidade, quem são os que se detêm, pelo menos uma hora, para meditar sobre o significado do Natal? Há tantas outras coisas a fazer!... Cartas e cartões a escrever, lembranças a dar e a receber, festas de família a preparar, visitas a fazer!...

Como reservar tempo para pensar, pensar no que se passou há tantos anos e no significado que isso tem para nós! Celebramos, no entanto, o acontecimento mais extraordinário de toda a História. É certo que existem muitas datas célebres, mas nenhuma se revestiu de tanta importância. O Natal comemora a dádiva de Deus aos homens na pessoa do Seu próprio Filho.

Naquela memorável noite em que os pastores guardavam os rebanhos nos campos, um anjo lhes apareceu, portador da grande nova: «Hoje, na cidade de David, vos nasceu um Salvador, que é Cristo o Senhor».

Se na Bíblia apenas existisse esta passagem, seria suficiente para nos fazer felizes. Ela contém uma oferta incomparável. Esta dádiva de Jesus continua a ser o mais belo e valioso pre-

sente que cada um de nós pode receber. Esta dádiva situa-se no tempo presente: «Hoje».

«Hoje... vos nasceu um Salvador!»

Um Salvador! Não um juiz nem um ditador, mas um Salvador, quer dizer alguém que intercede pela liberdade, que salva. Todos os homens de todas as raças estão perdidos. Não há excepções, «não há um justo, nem um sequer». Mas Deus interveio, dando-nos um Salvador cuja morte sobre a cruz nos remiu do pecado concedendo-nos o perdão.

Festejar esta quadra e ficar insensível ao que ela encerra é algo sem significado. Nunca nos poderíamos aproximar de Deus, se não tivéssemos um Salvador, um elo de reconciliação e união entre nós e o Pai. Deus é justo, nós somos injustos; Deus é verdadeiro, nós não o somos; Deus é perfeito e nós imperfeitos; Deus é amor e o ódio existe nos nossos corações. Que faríamos nós sem um Salvador, sem alguém que restaurasse a nossa natureza?

«Vos nasceu um Salvador.» Muitos comemoram o Seu nascimento, mas quão poucos O reconhecem e aceitam como o seu Salvador! Esse Jesus nascido no estábulo de Belém, entre os pobres, longe de todo o conforto e riqueza humana, é a prova mais real e comovente do amor de Deus por nós. Mas quantos o reconhecem como Cristo o Senhor, enviado de Deus para nos salvar do nosso pecado?

«Hoje», dia em que estas linhas são escritas; «hoje», dia em que elas são lidas, é Natal para nós, se aceitarmos a oferta de Deus.

A. Baião

SUMÁRIO

A Melhor Oferta
«Estai Vós Apercebidos»
Jesus e a Política do Seu Tempo
A Volta do Irmão X
História do Mês
Como Aprendi a Fazer Pão
Tem a Palavra o Leitor
Segunda Convenção de Anciãos
da Associação Portuguesa
Notícias do Campo
Caixa de Perguntas
Breves Notícias do Mundo
Adventista

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

DEZEMBRO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 351

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 50\$00
Número avulso 5\$00
Estrangeiro 70\$00

“estai vós apercebidos”

O Ano Santo e as Peregrinações

LONDRES — O **Times** de Londres, influente diário nesta capital, exprimiu apreensão a respeito das peregrinações em massa que caracterizariam o Ano Santo Católico Romano inaugurado pelo Papa Paulo, advertindo que o principal objectivo de obter uma indulgência não será bem aceite por outros cristãos como sinal de reconciliação.

«Poucos cristãos, realmente, poucas pessoas religiosas, poderiam negar a conveniência de dedicar, nestes tempos perturbados, um ano ao avanço da fé e à reconciliação.» dizia o **Times**. E acrescentava: «Nem todos são, no entanto, atraídos por esta maneira particular de o fazer, em que o aspecto mais evidente é o das peregrinações em massa a Roma e a ampla concessão duma indulgência plenária pela Santa Sé.»

(Ministry)

A Bíblia na Rússia

NOVOSTI — O 41.º Congresso dos Cristãos Baptistas Evangélicos da URSS, realizado recentemente em Moscovo, revelou o progresso alcançado na publicação de literatura religiosa e sua difusão entre os crentes. Desde o último congresso, por exemplo, foram impressos em tipografias do Estado 25 000 exemplares da Bíblia e 30 000 colecções de hinos religiosos. Foram também publicados Os Evangelhos com uma tiragem de 20 000 cópias. Com a colaboração do Conselho para Assuntos Religiosos (organismo governamental que se ocupa dos problemas do culto), os cristãos baptistas receberam a Bíblia editada na República Democrática Alemã. A revista desta comunidade religiosa, «Bratskij Vestnik», publica-se regularmente. Publica-se também anualmente um calendário baptista evangélico. As autoridades mostram-se compreensivas para com as exigências espirituais dos crentes.

No seu relatório, o secretário-geral dos baptistas evangélicos, Aleksej Byckov, comunicou aos delegados no congresso que em 1976 se passará o centésimo aniversário da tradução da Bíblia na língua russa corrente, e da sua edição

na Rússia. Há actualmente na Academia Eclesiástica de Leninegrado da Igreja Ortodoxa um grupo de teólogos que estudam a história e os problemas das traduções russas e eslavas dos textos sagrados. Este mesmo grupo de investigadores trabalha igualmente numa nova tradução russa dos Evangelhos.

(Segni dei Tempì)

Casamento e Divórcio nos Estados Unidos

WASHINGTON — O número de casamentos celebrados nos Estados Unidos durante o ano de 1974 decresceu pela primeira vez desde 1958, enquanto que o número de divórcios aumentou, como vem acontecendo já há 12 anos consecutivos, segundo estatísticas provisórias do Departamento de Saúde, Educação e Assistência.

Durante o ano realizaram-se 2 223 000 casamentos, menos 54 000 do que em 1973, isto apesar de um aumento da população em idade de contrair matrimónio. Os 970 000 divórcios que se calcula terem ocorrido em 1974 representaram um aumento de 57 000 (ou 6,2%) em relação a 1973. Isto significa também um aumento de 135% (mais 557 000) em relação ao número de divórcios verificados em 1962.

(Ministry)

Rosário pelo Rei Henrique VIII num Hospital de Freiras

WATERFORD, Irlanda — Todas as noites as freiras católicas e os doentes do Hospital do Espírito Santo se lembram do Rei Henrique VIII de Inglaterra nas suas orações. O costume data de 1545, quando o rei — recordado aqui por ter possuído seis esposas e pela sua controvérsia com o Vaticano acerca do divórcio — fez doação do hospital ao povo de Waterford, com a condição de que se rezasse um rosário por ele todas as noites. O hospital é administrado pelas freiras de S. João de Deus que, juntamente com os seus pacientes, têm mantido a sua parte do contrato.

(Ministry)



JESUS E A POLÍTICA DO SEU TEMPO

O ESTUDO que vamos empreender oferece o máximo interesse histórico, dado o lugar de relevo que Jesus e a Palestina do século I ocupam na evolução das ideias religiosas do mundo civilizado. Não obstante, esse interesse não é apenas pura e esterilmente histórico. Na realidade, o exemplo e os ensinamentos de Jesus revestem-se sempre de um valor actual. É pois em busca de uma orientação para situações análogas em nossos dias que vamos examinar a atitude de Jesus perante a política do Seu tempo.

A Palestina sob o jugo romano

Em 64 a.C., Pompeu ocupa a Síria que, com a capital em Antioquia, é feita **província senatorial**, administrada por um **legatus** enviado pelo senado romano.

Desde Augusto, torna-se **província imperial**, directamente sob o controlo do imperador, através do seu legado — **legatus Augusti pro praetore**.

No ano seguinte, o mesmo general toma Jerusalém, e a Palestina fica sujeita a Roma, como parte da província da Síria. Embora subjugada por Roma, continua sendo localmente governada pelos últimos Asmoneus, que ao mesmo tempo eram sumos-sacerdotes — Hircano II (63-40), Antígono (40-37) — e, mais tarde, pelo idumeu Herodes o Grande (37-4 a.C.).

À morte de Herodes o Grande, os seus territórios ficam assim distribuídos pelos três filhos: Judeia, Idumeia e Samaria, para Arquelau (4 a.C.-6 d.C.), com o título de etnarca; Galileia e Pereia, para Herodes Antipas (4 a.C.-39 d.C.), com o título de tetrarca; o Nordeste (Paneias, Itureia, Traconítides,

Gaulanítides, Batanea e Auranítides), para Filipe (4 a.C. - 33 d.C.), igualmente com o título de tetrarca.

Tendo Arquelau herdado os maus traços de carácter do pai, sem as suas boas qualidades, foi, por Augusto, banido para Viena, na Gália, e o seu território confiado a um procurador romano, que era responsável perante o imperador através do governador da Síria. Vários procuradores se sucederam: Coponius (6-10), Marcus Ambivius (10-13), Annius Rufus (13-15), Valerius Gratus (15-26), Pontius Pilatus (26-35).

Durante o ministério público de Jesus, a Palestina era pois governada da seguinte maneira: Judeia, Idu-meia e Samaria, com a capital em Cesareia, por Pôncio Pilatos, que visitava Jerusalém por ocasião das grandes festas dos judeus; Galileia e Pereia, por Herodes Antipas, que construiu a cidade de Tiberíades em honra do imperador Tibério, mandou matar João Baptista e se encontrava em Jerusalém na altura do julgamento de Jesus; o Nordeste, por Filipe, que reconstruiu a cidade de Paneias, dedicada a Pan, que era a capital, e a chamou Cesareia, em honra do imperador, ficando a ser conhecida por Cesareia de Filipe. Além destes territórios, havia a Decápole, liga de dez cidades helenísticas, que em 63 a.C. haviam sido feitas por Pompeu cidades livres responsáveis directamente perante o legado da Síria.

O jugo do poder romano fazia-se sentir de um modo particular pelo sistema tributário a que estava sujeita a população.

Desde Coponius havia duas espécies de tributo — o **tributum capitis** e o **tributum agrí**, ambos profundamente ofensivos para os judeus, o primeiro como evidência de escravidão e o segundo como ofensa a Jeová, verdadeiro possuidor da terra e dispenseiro de todos os bens.

Depois da revolta de Judas Galileu contra tal tributação e da severa repressão de Cirénio, governador da Síria, os romanos passaram a confiar o levantamento dos impostos a arrematadores, chamados publicanos («**publicani dicuntur qui publica vectigalia habent conducta**» — Digestus, XXXIX, 4), que se organizavam em companhias (**societates publicanorum**). Estes homens eram sumamente odiados pelo povo, tanto pelo facto de estarem ao serviço do poder de ocupação, como pelas extorsões que cometiam no desempenho das suas funções.

Movimentos judaicos em presença

Perante as forças de ocupação, o **Sinédrio**, como condição de sua própria sobrevivência, tinha necessariamente de assumir uma posição de equilíbrio, nem sempre fácil.

Assim, para compreendermos melhor os verdadeiros sentimentos da população dominada, mais útil nos será passar em revista os principais movimentos judaicos de expressão política e religiosa em presença na Palestina de então.

Havia, em primeiro lugar, a ala religiosa liberal, constituída pelos **saduceus**. Consequências desse liberalismo religioso eram as suas tendências helenísticas

e o frequente carácter acomodaticio das suas atitudes políticas.

É possível que outro grupo, mal conhecido, o dos **herodianos**, aparentemente favorável ao movimento helenístico apoiado pelos Herodes, se possa colocar também com os liberais.

Entre os inconformistas merecem ser mencionados, antes de todos, os **fariseus** (nome que significa «separatistas»), que começaram a aparecer como partido político cerca de 120 a.C. no tempo de Jónatas e cuja origem se relaciona com o movimento anti-helenístico dos «Hasidim» (designação que significa «piedosos» ou «santos»).

Mais radicais que os fariseus, mas seguindo as mesmas tendências, eram os **essénios**, que se separavam da sociedade, vivendo uma vida virtualmente monástica, e cujo nome, segundo alguns, deriva da palavra grega «hosios», devoto, religioso, e, segundo outros, da aramaica «hassai», silencioso. Havia vários grupos, nem todos correspondendo à imagem pacifista que deles traçam Josefo e Filon, como o de Damasco e o de Qumran. Tinham estes últimos o «Manual do Combatente». Uma regra da seita era esta: «Ódio eterno contra todos os homens da corrupção, em espírito de escondimento; deixe-se-lhes a propriedade e os lucros de nossas mãos, como o escravo para com o seu amo. ... Mas cada um deve velar pela lei e aguardar o dia da ira.» (1)

Havia, finalmente, os **qanna'im** ou **zelotes** (cujo nome grego deriva da palavra «zelos», zelo, ardor), grupo fanático e activista surgido, como atrás se menciona, na altura em que o procurador Coponius obrigou os judeus a pagar tributo a Roma. Distinguiam-se em **zelotes propriamente ditos**, que pretendiam levar a efeito uma reforma radical do culto do templo e do sacerdócio, e em **sicários**, «homens do punhal» (da palavra latina «sica», punhal), que sobressaíam pelo seu programa político, visando a expulsão dos romanos e o estabelecimento de um poderoso reino de Israel. (2)

Pretensão envolvimento político de Jesus

Desde há bastante tempo que Jesus tem sido apresentado como um agitador político **sui generis**, não perfeitamente integrado em nenhum dos grupos atrás mencionados.

Já no século XVIII **Salomão Reimarus** como tal O qualificava no seu escrito «Os objectivos de Jesus e de Seus discípulos».

Mais recentemente, em 1908, em seu livro «Origem do Cristianismo» o célebre socialista **K. Kautsky** dedicava um capítulo à «Rebeldia de Jesus».

Na sua monumental obra em dois volumes, «Jesus, rei sem reino» (1929, 1930), **Robert Eisler**, apoiando-se em textos recentemente traduzidos de Josefo, nos 'Toledot Jeschu' (lendas judaicas sobre Jesus) e noutras fontes, chegou à conclusão de que «Jesus foi um revolucionário político de tom apocalíptico, que originou em Jerusalém uma revolta e foi detido e executado pelos romanos».

Estes pontos de vista tornaram-se populares depois dos anos 60, com o resumo plagiário dessa obra feito por **J. Carmichael**, no livro a que deu o título «A Morte de Jesus».

Mais tarde, em 1967, o historiador das religiões **S. G. F. Brandon** publicava a obra «Jesus e os Zelotes», na qual «apresenta Jesus como um revolucionário político-social que foi crucificado por Pilatos como sedicioso». (3)

Esta figura de Jesus revolucionário persiste ainda hoje na mente de muitos agitadores políticos, incluindo cristãos de tendências esquerdistas.

Argumentos apresentados a favor do envolvimento político de Jesus

No campo da política religiosa, Jesus teria assumido atitudes que O relacionavam, se é que O não identificavam, com a posição zelote perante o culto e o sacerdócio oficiais. Exemplos: a purificação do templo (João 2:13-17; Mat. 21:12, 13) e as invectivas contra os dirigentes religiosos da Palestina de então (cf. Mat. 23).

No campo da política social, Jesus ter-se-ia comportado como um inconformista. Por um lado, sob o ponto de vista económico, são numerosas as suas alusões desfavoráveis às riquezas e aos ricos («Ai de vós, ricos!» — Luc. 6:24, 25; «Não podeis servir a Deus e às riquezas» — Mat. 6:24; «É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus» — Mat. 19:24; a parábola do rico insensato — Luc. 12:16-21; a parábola do rico e de Lázaro — Luc. 16:19-31). Por outro lado, sob o ponto de vista racial, é impressionante, quase provocante, a Sua predilecção pela odiada raça dos samaritanos (cf. João 4:1-42; Luc. 10:30-37; 17:16; João. 8:48).

Mas é no campo da política do Estado em geral e da nação judaica em particular que Jesus teria assumido uma atitude positivamente revolucionária.

Note-se, em primeiro lugar, a ironia com que falava dos soberanos que, dominando sobre os povos, se atribuíam o título de benfeitores (Luc. 22:25).

É também digno de nota que um dos Seus discípulos, Simão (Luc. 6:15; Act. 1:13), se é que não outro, Judas Iscariotes, segundo a interpretação de Cullmann, (4) fosse zelote.

Além disso, teria defendido o uso de armas (cf. Mat. 10:34; Luc. 22:36, 38).

É, porém, a partir da Sua entrada triunfal em Jerusalém que o envolvimento político de Jesus se teria manifestado de uma maneira mais evidente. Sendo, segundo Brandon, «uma demonstração da Sua dignidade messiânica cuidadosamente planeada por Jesus», constituía, ao mesmo tempo, «uma clara provocação aos dirigentes do povo e aos romanos». (5)

Ao ser entregue a Pilatos, a acusação que contra Ele pesa é a seguinte: «Perverte a nossa nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo que Ele mesmo é Cristo, o Rei» (Luc. 23:2).

Pilatos condena-O então como **auctor seditionis** e, entre dois malfeitores (talvez zelotes), (6) sofre o suplício da cruz — o castigo destinado aos sediciosos das províncias.

O próprio **titulos** apostado à cruz revelaria uma acusação política: «O Rei dos Judeus» (Marc. 15:26).

As palavras proferidas pelos dois discípulos a caminho de Emaús mostrariam a sua decepção perante o fracasso do programa político do Mestre: «E nós esperávamos que fosse Ele O que libertasse Israel ...» (Luc. 24:21).

Argumentos a favor da tese contrária

Os argumentos apresentados a favor da tese contrária não são menos fortes nem menos numerosos.

Assim, no campo da política social, Jesus reconheceu que «os pobres sempre os tendes convosco» (João 12:8). E a alguém que Lhe pediu para interferir numa questão de repartição de herança, respondeu: «Homem, quem Me pôs a Mim por juiz ou repartidor entre vós?» (Luc. 12:13, 14).

Seriam absurdas, na boca de um revolucionário político, algumas das palavras pronunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, tais como: «Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus» (Mat. 6:9). «Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te o vestido, larga-lhe também a capa; e se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas» (Mat. 5:38-41). «Amái a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem» (Mat. 5:44).

Um revolucionário palestino do tempo de Jesus nunca admitiria como seu discípulo um publicano, nem se associaria com publicanos, como fez o Mestre (cf. Mat. 9:9-11).

Quando a multidão O quis aclamar rei, Jesus não aceitou e retirou-Se (João 6:15).

Quando Lhe perguntaram se era lícito pagar tributo aos odiados romanos, limitou-Se a contestar: «Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (Mat. 22:21).

Quando Pedro puxou da espada para defender o Mestre, por altura da Sua detenção, Jesus o repreendeu, dizendo: «Mete no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão» (Mat. 26:52).

Apesar de Jesus ter sido apresentado a Pilatos como sedicioso, o procurador romano, cuja crueldade para com verdadeiros ou supostos revolucionários é bem conhecida, limitou-se a confessar: «Eu nenhum crime acho n'Ele» (João 19:6).

Que Jesus não foi condenado como revolucionário se torna ainda evidente pelo facto de que, após a Sua morte, os cristãos na Palestina foram perseguidos pelos dirigentes judeus, mas nunca pelas autoridades romanas.

A Pessoa e a Missão de Jesus

Como acabamos de ver, os argumentos aduzidos, tanto pela tese revolucionária, como pela antítese conformista, são, de cada lado, parciais e portanto não atingem a realidade total.

Antes de mais, há a notar que não se trata aqui de uma pessoa vulgar. Com efeito, em Jesus não há apenas a natureza humana. Na mesma pessoa encontra-se, embora velada, mas não impedida de manifestar-se, a natureza divina.

Jesus, o Filho de Deus encarnado, veio a um planeta em rebelião que, apesar de governado por normas inspiradas pelo «príncipe deste mundo» (João 12:31; 14:30; 16:11), está sob o controlo de Deus. E é do plano de Deus que exista a autoridade. Como foi dito a Pilatos, «Não terias poder se do Alto to não fosse dado» (João 19:11).

O estado actual do planeta, em sua rebelião, não é definitivo. Haverá uma transformação completa, uma regeneração (em grego, «palingenesia» — Mat. 19:28), com a qual está relacionada a missão de Jesus a esta terra e o Seu anúncio do reino de Deus.

O reino de Deus está baseado no sacrifício expiatório de Cristo e no novo nascimento de quantos O aceitem como seu Salvador e Mestre.

Na sua fase preparatória — o reino da graça — ocupa lugar importante a conversão, com a consequente restauração da imagem divina na pessoa do crente. O Sermão da Montanha apresenta, em resumo, os princípios desse reino. Nesse reino não haverá o recurso à violência para a satisfação de reclamações. A violência deve ser substituída pelo serviço de amor e por obras de misericórdia. O princípio é ilustrado pela parábola do bom samaritano (Luc. 10:30-37) e pelas boas-vindas dadas aos herdeiros do reino: «Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo, porque tive fome e destes-Me de comer, etc.» (Mat. 25:34-40).

Com referência a esta fase preparatória, disse Jesus: «O Meu reino não é deste mundo» (João 18:36).

A fase definitiva — o reino da glória — será inaugurada com a segunda vinda de Jesus.

Perante essa gloriosa perspectiva escatológica, todo o presente de um mundo em rebeldia tem necessariamente um carácter imperfeito, um valor relativo, uma evolução condenada ao colapso.

Conciliação dos contrários

Tendo em vista a pessoa e a missão de Jesus relativa ao Seu reino, não é difícil de conciliar os aspectos aparentemente contrários que levaram a considerar o Mestre ora como revolucionário ora como conformista.

Observe-se, em primeiro lugar, que quando Jesus expulsa os vendilhões do templo, «não lhes bate com o açoitador de cordas, mas aquele simples açoitador parece, em Suas mãos, terrível como uma espada flamejante».

Não se trata, pois, de um acto revolucionário, no sentido vulgar do termo; é que «olhando para Cristo, vêem a divindade irradiando através do envoltório humano. A Majestade do Céu está como o Juiz há-de estar no derradeiro dia». (?)

É como profeta de Deus, não como revolucionário, que Jesus Se opõe aos sacerdotes e escribas. E porquê? Porque os crentes sempre «hãviam respeitado os sacerdotes e rabis por sua inteligência e aparente piedade. Em todos os assuntos religiosos, sempre tinham rendido implícita obediência à autoridade deles. Todavia, agora viam esses homens procurando desacreditar Jesus... E não sabiam que direcção haviam eles próprios de tomar.» E para que o povo não fosse desencaminhado e a verdade de Deus pudesse ser discernida, «era preciso expor mais plenamente o carácter dos sacerdotes, principais e fariseus». (8)

Não é em obediência a qualquer política de carácter social que Jesus Se refere aos ricos e às riquezas. Essas referências têm de ser sempre interpretadas à luz do carácter transitório da vida presente e da perspectiva escatológica do reino de Deus. Com efeito, «não é pecado ser rico, se a riqueza não for alcançada por injustiça. Um rico não é condenado por possuir riquezas.» (9) O que Jesus condena é a confiança nas riquezas: «Quão difícil é, para os que confiam nas riquezas, entrar no reino de Deus!» (Marc. 10:24). Mais do que isso, o amor às riquezas, vinculando a pessoa ao mundo presente, faz perder de vista a necessária preparação para a vida futura, o que leva Jesus a perguntar: «Que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? (Marc. 8:36).

Por outro lado, sob o ponto de vista racial, o próprio carácter universal da obra salvadora de Cristo não podia conhecer barreiras. Para Ele eram pecadores necessitados de um Salvador e de uma salvação — tanto judeus como samaritanos, tanto israelitas como gentios, ou, transitando para o campo político, tanto o publicano Levi Mateus como o zelote Simão Cananita.

Precisamente, no que respeita à política do Estado em geral e da nação judaica em particular, o Mestre tomou uma posição de absoluta neutralidade. «O governo sob que Jesus viveu era corrupto e opressivo; clamavam de todos os lados os abusos — extorsões, intolerância e abusiva crueldade. Não obstante, o Salvador não tentou nenhuma reforma civil. Não atacou nenhum abuso nacional, nem condenou os inimigos da nação. Não interferiu com a autoridade nem a administração dos que se achavam no poder. Aquele que foi o nosso exemplo, conservou-Se afastado dos governos terrestres. Não porque fosse indiferente às misérias do homem, mas porque o remédio não residia em medidas humanas e externas. Para ser eficiente, a cura deve atingir o próprio homem, individualmente, e regenerar o coração.» (10)

Seria inevitável que Seus discípulos, na qualidade de discípulos, sofressem perseguição, e daí a Sua referência simbólica a armas (Luc. 22:36), o que de maneira nenhuma equivalia a sancionar o seu uso, como uma ou duas horas depois tornou bem claro nas palavras com que Se dirigiu a Pedro, quando este lançou mão de uma espada (Mat. 26:52).

Ele próprio estava sendo perseguido e em breve soaria a Sua hora suprema. Mas não foi como revolucionário nem como colaboracionista que Jesus foi condenado à morte. Outras causas e outras influências estiveram em jogo. Como salienta Karl Barth, «não foi de acordo com a lei do Estado, mas **apesar** dessa lei, e de acordo com uma lei totalmente **diferente**, e em flagrante desafio à justiça, que Jesus teve de morrer». ⁽¹¹⁾

Lição de Jesus para hoje

Grandes sectores da humanidade visionam, para um futuro mais ou menos próximo, aqui na terra, o estabelecimento de uma sociedade evoluída, sem as injustiças e limitações da sociedade actual.

O Marxismo anseia, como meta final, a luta, recorrendo quando reputa necessário à violência, por uma sociedade de abundância, sem Estado, sem impostos, sem classes, sem guerras.

O ponto de vista católico, quanto à evolução da História, foi claramente exposto pelo papa João XXIII no seu discurso inaugural do Concílio Vaticano II, quando afirmou: «Parece-nos necessário dizer que não concordamos com esses profetas de calamidades que estão sempre a anunciar tristes acontecimentos, como se estivesse iminente o fim dos tempos.» ⁽¹²⁾

Por sua vez, o Conselho Ecuménico das Igrejas, com uma visão idêntica da História, concentra-se mais na promoção do Evangelho social do que na pregação do Evangelho da conversão pessoal. Na sua última Assembleia Geral, que teve lugar em Upsala em 1968, adopta como lema o versículo apocalíptico «Faço Novas Todas as Coisas», não numa perspectiva escatológica, mas numa aplicação, aqui e agora, para o mundo presente. Daí, que a Igreja deva dedicar-se a lutar pelo desenvolvimento económico e social do mundo (secção III), pela justiça e paz nas relações internacionais (secção IV) e por um novo estilo de vida baseado em padrões de prosperidade material (secção VI). ⁽¹³⁾

Para quem visiona a marcha da História com esta óptica, o exemplo e os ensinamentos de Jesus quanto à política dificilmente poderão ser seguidos na íntegra; mais do que isso, em muitos casos constituirão um obstáculo.

É por isso que Cullmann, que aliás analisou com tanta acuidade a posição de Jesus perante a política do Seu tempo, se vê forçado a concluir: «A atitude de Jesus **não pode sem mais** ser transposta para os nossos tempos, e isto se conclui já do facto de nós não mais contarmos com um fim do mundo iminente». ⁽¹⁴⁾

Mas a verdade é que o postulado de que a vinda de Jesus, se é que algum dia se há-de realizar, está para longe, e de que a humanidade tem diante de si uma evolução progressiva até atingir aqui na terra, por seus próprios recursos, um estado perfeito, não se harmoniza de maneira alguma com a visão bíblica da História.

Os sinais apresentados pelos profetas, e em especial pelo próprio Jesus, indicam claramente que a Sua

vinda está para breve. Esta é precisamente a mensagem que proclamamos.

Sendo assim, a Igreja Adventista, com uma perspectiva estatológica genuinamente cristã, está em condições, como nenhum outro movimento religioso, de assumir, em relação à política de hoje, a mesma atitude que assumiu Jesus em relação à política do Seu tempo.

A pergunta que se põe é pois a seguinte: Se Jesus estivesse aqui na terra em nossos dias, que atitude tomaria perante a política?

Com base no Seu procedimento registado nos Evangelhos, cremos poder afirmar que:

1. Respeitaria os detentores do poder, sabendo que, dignos ou indignos, estão sob o controlo de Deus e que, de acordo com a maneira como hajam aproveitado a oportunidade que lhes foi oferecida para o cumprimento dos propósitos divinos, serão mantidos pelo tempo que for oportuno ou, na devida altura, serão substituídos.

2. Superior a facciosismos, não se bandearia com nenhum partido político, a fim de poder ajudar indistintamente a todos os homens.

3. Dentro de uma perspectiva escatológica, não consideraria como sendo Sua missão mudar as estruturas vigentes, pois que a transformação geral está reservada para quando for instaurado o reino de Deus.

4. Anunciaria, pois, o reino de Deus e a necessidade de uma preparação para ele.

5. Procuraria ajudar os homens a restaurarem, em suas vidas individuais, a imagem divina — no espírito, alma e corpo — pregando, ensinando e curando, como fez quando esteve na Palestina.

6. Esforçar-se-ia, até ao sacrifício, por auxiliar concretamente os aflitos e necessitados.

7. Seria radical em Suas atitudes, não evitando o conflito sempre que estivesse em jogo a obediência à vontade de Deus.

A quem seja tentado a duvidar da validade do programa de Jesus para os nossos dias, podemos responder com a pergunta: Haverá algum movimento político, do passado ou actual, que possa apresentar um programa mais vivo e profundamente humano e de mais larga projecção no espaço e no tempo?

(1) 1 QS 9, 21 s. citado por Martin Hengel, *Jesús y la Violencia Revolucionaria* (Salamanca, Ediciones Sígueme, 1973), pág. 57.

(2) Oscar Cullman, *Jesus e os Revolucionários de Seu Tempo*, (Petrópolis, Editora Vozes, 1972), pág. 12.

(3) Ver exposição mais extensa em Hengel, *op. cit.*, págs. 9-17.

(4) Cullmann, *op. cit.*, págs. 16, 17.

(5) Hengel, *op. cit.*, pág. 14.

(6) *Id.*, *ibid.*, pág. 16.

(7) E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 112, 113.

(8) *Id.*, *ibid.*, págs. 455, 456.

(9) *Id.*, *Parábolas de Jesus*, pág. 266.

(10) *Id.*, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 380, 381.

(11) Karl Barth, *Community, State and Church* (Anchor Books, Garden City, New York, 1960), pág. 113.

(12) *Concílio Vaticano II*. Constituciones. Decretos. Declaraciones. (Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1965), pág. 747.

(13) *The Uppsala 68 Report* (Geneva, World Council of Churches, 1968), págs. 39-56, 57-73, 86-97.

(14) Cullmann, *op. cit.*, pág. 47.

A Volta do Irmão X

DESDE AQUELE DIA em que dissemos adeus ao irmão X que, fascinado pelas aparências enganadoras da reforma, nos deixou, cinco longos anos se passaram.

Foram cinco anos vividos e sofridos por esse pobre irmão e também cinco anos suados para os reformistas que viram periclitar o seu monopólio de «aparências» diante do exuberante zelo sem entendimento do Irmão X.

Alguns, é verdade, estimulados e aguilhoados pelas exigências sempre crescentes do nosso herói, mais se firmaram em suas ideias canhestras; outros, porém, desanimados por não poder acompanhar o trote, deram de mão a tudo, voltando-se para a amplidão vazia da descrença.

Deixemos que ele mesmo nos conte a história desses cinco anos em que foi perseguido pelos santos reformadores, e que nos narre como afinal se converteu.

— Irmão X, gostaríamos que nos contasse a sua experiência e que, sem se preocupar com a gramática, falasse de coração a coração, narrando-nos toda a verdade. Conte-nos porque foi que o irmão deixou a igreja. O que encontrou na reforma e porque, afinal, está de volta à casa paterna!

— Pois bem, pastor. É justamente isto que eu quero fazer! Contar toda a verdade!

Como o senhor sabe, fui um homem extremamente zeloso! Zelo sem entendimento, é verdade, mas fui-o na minha sinceridade.

Como Paulo, vivi durante estes últimos anos respirando ódios e ameaças e participei de apedrejamentos morais dos dirigentes, dos obreiros e da própria Causa de Deus.

Saí da Igreja porque no íntimo me julgava mais santo do que os demais.

A medida que me sentia mais purificado, mais santificado, mais me aborrecia com meus irmãos. Hoje compreendo a origem destes sentimentos, mas naquele tempo eu pensava que era obra do Espírito Santo.

Para mim, todos estavam apostatados e só eu me encontrava no muro, tapando a brecha. Quando não resisti mais e me sentia sem forças para salvar a Igreja, zarpei para a reforma, certo de que ali encontraria um punhado de bravos dispostos a dar a vida pelos princípios e pela verdade, mas foi uma desilusão! O mundanismo e a hipocrisia medram dentro da reforma, como agrião no banhado, e lá eles têm problemas ainda maiores que os nossos.

É verdade, pastor, que há na reforma pessoas sinceras que procuram seguir a verdade tal qual ela é

em Jesus, porém, a maioria é composta de homens e mulheres que fazem da aparência o seu deus, e a ninguém hoje na face da terra se aplicam tão bem as advertências de Cristo como a eles, os modernos fariseus que por fora são como sepulcros caiados, formosos à vista, por dentro cheios de ossos de mortos e de toda a imundície. São eles os que se esmeram no exterior, mas interiormente estão cheios de rapina e iniquidade. Exteriormente parecem justos, mas interiormente estão cheios de hipocrisia e maldade.

Digo isto, pastor, porque sei o que estou falando.

O senhor sabe perfeitamente que para um homem se orientar por princípios, ele precisa ser veraz, honesto e acima de tudo manso e humilde de coração.

Isto de não comer carne e outras proibições justas e razoáveis, não quer dizer que uma pessoa seja de princípios por isto. O boi, o cavalo, as ovelhas, os cabritos e grande parte dos irracionais não comem carne e nem por isso são santos, como também não é santo o homem só por deixar de comer certas coisas.

Conheci na reforma, como conheço na nossa Igreja, homens e mulheres que fazem do regime alimentar prova de discipulado, que são rígidos e intransigentes quanto a comer e beber, mas que, entretanto, são pessoas intratáveis, intoleráveis, falsas como a serpente, tais quais eu era quando capengava deste lado. Não que o regime alimentar sadio as tenha transformado em hipócritas, de modo nenhum, mas sim porque se entrincheiram atrás de um regime para criticar os demais e acabam convencendo-se de que são melhores e mais puros que os outros, e daí, e de outras coisas semelhantes, surge a figura sinistra, terrível e espantosa do fariseu, que proclama em todos os seus actos e palavras as virtudes do pretenseiro santo descrito por Isaías: «Retira-te, e não te achegues a mim, porque sou mais santo do que tu.»

Estes, diz Deus, são «um fumo no meu nariz, que arde todo o dia.» Isaías 65:5.

Hoje eu continuo vegetariano e como tal espero morrer, mas propus-me seguir o conselho de Paulo, de não condenar os que comem e de não me deixar levar pelo engano do diabo, que procura encher a gente de vento, dando-nos a entender que somos superiores a todos os mortais. Sei agora quão repugnante é aos olhos de Deus o farisaísmo, e quanto distancia a gente de Cristo e dos demais irmãos!

Na reforma, pastor, encontrei alguns homens leais, sinceros, que estão lá porque acham que é o único lugar no mundo em que podem estar, mas a grande maioria, principalmente dos que saíram da nossa

Igreja, estão lá de raiva, por pirraça, e não voltam atrás por teimosia.

Estudei o movimento da reforma nas suas origens e nos seus variados ramos. Deus está dirigindo esses movimentos tanto quanto está dirigindo os pentecostais, as testemunhas de Jeová, os promessistas e outros movimentos semelhantes.

Um adventista jamais deixaria a sua Igreja para se enfiar numa armadilha dessas! Então o diabo fez um arremedo da verdade, criando a reforma para atrair os incautos e aqueles que desejam mais luz sem obedecer e viver à luz que possuem. O reformismo deu para mim, como para todos que saíram da Igreja, a impressão de que é uma luz mais brilhante, uma verdade mais pura, um movimento mais santo, quando, na realidade, é um movimento de rebelião originado por aquele que não se firmou na verdade, que é mentiroso e pai da mentira, o mesmo ser que no Céu se levantou contra Deus e que no deserto levantava os príncipes e os maiores da congregação contra os ungidos do Senhor.

Prova irrefutável de que isto é verdade, são as divisões que surgem entre eles e a visível desaprovção divina pela ausência da harmonia, da paz, da compreensão, do amor e do progresso que não existe entre eles.

A reforma só cresce para baixo como os galhos do chorão e se multiplica por secciparidade, isto é, dividindo-se.

A conferência geral dos diversos movimentos muda de cá para lá como cuia de chimarrão na roda do chá.

Cada chefe que é apeado do poder sai a cavalo aos pinchos num movimento novo. Ninguém se conforma em perder cargos e vantagens.

Não estou inventando histórias, não senhor. Quem duvidar do que estou dizendo que leia o «Livro do Pecado», do Sr. Nicolice. O que está escrito ali, dá para convencer qualquer cabeçudo que a reforma não é coisa boa e nem tem boa origem.

Convenci-me disto no primeiro ano que estive lá, mas fui-me aguentando para ter tempo de examinar direitinho e assim tomar uma resolução da qual jamais viesse a me arrepender.

E a resolução foi tomada, pastor! Volto para a Igreja curado do farisaísmo e de toda a justiça própria, certo de que a reforma jamais me iludirá.

Estou convicto de que na Igreja existem fraquezas e pecados, mas Deus no Seu amor me tem convencido de que entre todos eu sou o principal: entre os fracos sou o mais fraco, entre os necessitados o mais necessitado, e dou graças a Deus por este sentimento novo que tomou posse do meu coração.

Nossa Igreja, houve uma época em que resvalou à beira do precipício do legalismo, mas Deus suscitou entre nós homens que se ergueram e trabalharam para pôr as coisas no seu devido lugar, e assim, a justificação pela fé baniu do nosso meio a repugnante doutrina da justiça própria.

Ao reformismo esta tragédia não foi poupada. Como o fariseu de outrora, eles ainda hoje oram e dizem

em actos e palavras: Graças Te dou, ó Pai, porque não sou como os demais homens!

Não faço.

Não uso.

Não manuseio.

E nem sou como os apostatados da Igreja grande!

Mas todas essas exterioridades, como um fim, como o é na reforma, e não o resultado de uma integridade interior, é a maior falseada religiosa que conheço. Ela só faz inflar o pobre eu, iludindo o pecador, dando-lhe uma segurança falsa e cobrindo-lhe o corpo chagado com os trapos imundos da sua própria justiça.

Cinco anos passei lá, pastor, vendo e ouvindo barbaridades, e agora sei por experiência até que ponto pode ser ruinoso o extremismo.

Foram anos mal vividos. Anos carregados de ódios, de críticas, de maledicências, de acusações, em que vivi colecionando recortes de revistas adventistas e abarrotando pastas de livros sublinhados em pontos estratégicos para golpear os meus irmãos! Anos que o gafanhoto comeu, em que não ganhei uma alma para Cristo, em que raras vezes pronunciei o Seu nome! Mais um pouco que ficasse lá, aumentando meu cabedal de recortes, Cristo se tornaria tão estranho para mim como Maomé! Tenho pena dos irmãos sinceros que vegetam nesse movimento espúrio e tudo farei para arrebatá-los de lá.

Sei o que me espera pela frente ao ter que enfrentar lobos vestidos de peles de ovelhas, mas Deus há-de me dar forças e não esmorecerei.

Discutir com reformistas é duro, pastor!

É como usar uma faca afiada para demolir uma pedreira!

Não que eles sejam mais versados na Bíblia ou no Espírito de Profecia, mas sim porque não temem usar os recursos daquele que é mentiroso e pai da mentira!

Entrincheirados por detrás dos Testemunhos, com ares de guia de cegos, são capazes de varar noites após noites atirando lama contra a Igreja de Deus, sem perceber que eles mesmos estão, todos enlameados.

Hoje, graças a estes cinco anos que convivi com eles, sei como enfrentá-los, mas só o faço por extrema necessidade, porque ouvi-los em suas arengas, é decrescer na fé, na esperança e no amor. É cortar pedra com faca afiada. Prefiro trabalhar silenciosamente com aqueles que, como eu, estão sendo iludidos, ludibriados pela aparência enganosa do casarão velho, carcomido, caiado de novo, com ares de confortável residência que se chama Reforma!

Eu é que sei, dos ratos e morcegos que vicejam por lá! Eu é que sei das vigas podres que o sustentam! E dos caibros corroidos que pendem impotentes!

Conheço seus fundamentos entaqueados na areia, e senti o bafio do mofo, que se levanta dos seus porões encharcados.

Posso, com o auxílio de Deus, evitar para muitos os sofrimentos e angústias por que passei.

— Bem, Irmão X, percebo quão radical foi a sua transformação! Hoje, o irmão não é mais aquele bicho papão, aquele golias que atemorizava e ameaçava os nossos araias. Vejo na sua face, nas suas palavras,

aquela serenidade que dá testemunho de uma experiência mais profunda, mais racional...

Conte-nos como foi que achou o caminho de volta e como afinal se converteu.

— Ah, pastor, a história é longa e triste. Não tenho palavras para dizer tudo por que passei. O senhor vá tomando nota e depois veja se consegue pôr em ordem as palavras que me brotam da boca como lavas de um vulcão! Não consigo recordar toda essa miséria sem sentir um fogo dentro de mim. Não guardo rancor de ninguém, mas não posso perdoar a mim mesmo, por ter sido tão simplório, caindo nessa armadilha.

Logo que entrei para a reforma, me senti como que transportado ao paraíso, tal o sentimento de alegria que tomou posse de mim. Mas foi só a sensação da mudança, porque, dias depois, caía na realidade e me sentia profundamente infeliz.

Gostava do ambiente, deliciava-me com as críticas e procurava imitar os meus parceiros, reformando os outros, mas eu mesmo me sentia cada vez mais deformado.

Os reformistas, pastor, fazem uma força imensa para se convencerem que possuem a verdade, mas poucos entre eles estão realmente convencidos disso.

Eles contemplam a marcha-à-ré que vêm dando através dos anos, miram o rasto sinuoso que ficou gravado na estrada do tempo, e sentem no íntimo que estão recalitrando contra os aguilhões.

É verdade, que há em todos eles um simulacro de alegria, mas, no âmago da alma, todo o reformista é antes de tudo um triste.

A igreja da reforma é triste, pastor!

Triste como um claustro abandonado e vazia como a solidão monótona de um deserto.

O único fogo que ainda os aquece, a única chama que ainda bruxuleia em suas reuniões áridas é o despique contra a igreja grande! Não fosse isto, há muito eles já se teriam diluído e desaparecido na voragem do tempo.

Bem, não devo alongar-me mais expondo os sentimentos e os factos que vi por lá. Deixem-me apenas contar como e porque voltei.

Foi num sábado pela manhã. O nosso grupo da reforma havia programado realizar a escola sabatina no sítio do irmão... e passar o dia por lá.

Como não me sentisse com entusiasmo para enfrentar a carroceria de um caminhão e os solavancos da estrada cheia de buracos, resolvi ficar em casa lendo a minha Bíblia e trocando ideias com a minha esposa sobre a nossa vida, que passo a passo estava sendo deformada pela reforma.

Fizemos a nossa escola sabatina com as crianças, cantámos um hino sem muita vontade e então saí para dar uma volta pela cidade sozinho, com os meus pensamentos.

Andei sem rumo, vagando de praça em praça, até que em dado momento me encontrei defronte da «igreja grande». Eram quase onze horas da manhã e o sermão por certo já havia começado, pensei. Quis entrar, mas a coragem faltou. Rodei sobre os meus pés e comecei a afastar-me ligeiro.

Antes, porém, de chegar à esquina, estaquei. Porque não vou lá ver o que esses apostatados estão dizendo? Medo, porquê?

Sem mais hesitar, tomei o rumo da igreja e fui entrando.

Passei pelo diácono que me conhecia, o qual me olhou assustado.

Um irmão estranho apontou-me um acento vago ao seu lado, onde me assentei.

O sermão já ia a meio e o pregador não parecia ser muito capaz. Mas enquanto ele falava sobre o gozo que a salvação traz a um homem perdido, eu senti um estremeção.

Suas palavras, como setas dirigidas por Deus, feriram o meu coração. Eu que sempre me vangloriei de ser duro e vivi condenando os chorões, sem o perceber, estava ali com o lenço molhado, chorando, sem poder me conter.

Antes da bênção final, misturei-me aos fugidivos e dentro de alguns minutos estava em casa com o coração aos saltos. Minha esposa estava com o almoço na mesa, servindo as crianças, quando entrei sem disfarçar a alegria que inundava o meu ser:

— Querida, disse. Vamos voltar!

— Para onde? perguntou ela assustada.

— Vamos voltar para o nosso povo, para a nossa igreja, para o nosso Deus. Chega de reforma!

— Que aconteceu, querido? Que houve?

— Estive lá! Senti o gozo do que significa ser salvo! Não quero mais nada com essa reforma deformante.

Reforma que depreda, que solapa, que calunia!

Reforma de apedrejamentos, de críticas, de acusações e embustes que não têm fim!

Estou cansado, querida! Há cinco anos que estamos com pedras nas mãos atirando contra os nossos irmãos. Chega!

Minha esposa estava atônita, de olhos arregalados, procurando adivinhar os meus pensamentos. Por fim, depois de lhe contar toda a história e a minha decepção pela reforma, ela, em soluços, respondeu-me:

— Querido, há cinco anos que venho orando por este momento! Nunca te disse nada para não magoar o teu coração, mas já que me expões com franqueza o teu desejo de voltar, eu também quero dizer-te que essa é a maior resolução da nossa vida!

Voltaremos para a nossa Igreja!

Voltaremos para o nosso povo!

Querido, não sei como exprimir tão grande felicidade!

E foi assim, pastor, que nós voltámos. Alguns irmãos ainda olham desconfiados para nós, temendo segundas intenções. Muitos, porém, já nos receberam de braços abertos, confiantes na nossa sinceridade.

Se esses que duvidam soubessem dos nossos sentimentos pela Igreja de Deus e o que restou em nosso coração pelo moderno reformismo, jamais teriam coragem de nos tratar assim!

Conte, pastor, a nossa história! Talvez, em algum ponto desta terra, no momento preciso, a nossa experiência sirva para ajudar alguém.



A SURPRESA

DA CESTA DE NATAL

— MUITO OBRIGADO pelo lindo presente, avó — disseram gentilmente os gémeos em coro. Dido e Vanda olharam novamente para a cesta verde e branca de vime que seguravam. Estava cheia até às bordas, com bolachas e bolos, e até com pão de mel.

— Nós gostamos de tudo isto — disse Dido, esforçando-se por sorrir.

— E a cesta servirá para lanches e piqueniques no verão —, acrescentou Vanda.

— Eu pensei que vocês iriam gostar deste tipo de presente —, respondeu a avó.

— Se houver doces a mais na cesta para vocês comerem, pois poderão reparti-los com outros jovencinhos. Eu gosto de repartir com os amigos.

— Sim, vozozinha —, concordaram.

Voltando da casa da avó, os dois estavam muito silenciosos e mesmo aborrecidos. Finalmente, Vanda disse:

— A avó é sempre boa para todos. Viste a cesta grande que a avó estava a preparar para as crianças pobres?

— Sim —, respondeu Dido de mau humor. — Ela achou muito tempo livre para fazer coisas bonitas e boas para elas. E para nós... deunos bolachas! Nem umas luvas para combinar com o casaco novo que a mamã nos comprou...

— Mas a nossa cesta é bonita — acrescentou Vanda — Nós não precisamos de luvas ou gorros, pois os que temos ainda estão bons.

— Pára de fingir que estás contente, e largame! — disse Dido. — Porque devo esconder o que sinto?

— Bem, eu estou um pouquinho triste, — disse vagarosamente Vanda. — Mas não vou deixar que o que sinto me estrague o meu Natal. O que importa receber mais ou menos presentes? Recebemos tantas coisas boas, até mais do que precisamos. Mas, há uma coisa que me intriga: estou certa que um dia que fui à casa da avó, vi-a estar a fazer umas luvinhas vermelhas, e ela escondeu-as muito depressa, pensando que eu não tinha visto.

— Sim, seriam luvas, mas não para nós. Foram talvez para as crianças pobres.

— E tu não achas que elas precisam mais do que nós? — disse Vanda. — Escuta, maninho, e se nós dividíssemos estas coisas boas com outros?

— Na verdade, nós não precisamos de todas estas bolachas. A mãe também já fez tantos biscoitos...

— Eu conheço alguns meninos pobres que gostariam muito delas; por exemplo, as crianças da família Oliveira. A Luísa e o Luís da nossa classe.

— De acordo, — disse Dido. — Vovó disse que poderíamos repartir com outros que tivéssem menos do que nós.

Momentos mais tarde, os nossos amiguinhos estavam pondo algumas bolachas numa travessa que a Sr.^a Oliveira estava segurando.

— Como os meus filhos vão ficar felizes! disse a senhora. Há já muito tempo que eles não comem doces, nem tão pouco pão com mel.

De repente a respiração de Vanda ficou como em suspenso. Viu que no fundo da cesta estavam uns embrulhinhos de papel muito brilhante e bonito. Neles estava escrito: «Para Dido» e «Para Vanda». Os meninos quase não podiam esperar para abrir os embrulhos. Despediram-se da Sr.^a Oliveira e puseram-se a caminho... e abriram os pacotes. Gorros e luvas! Justamente o que eles queriam para estrear com o casaco novo, feitos de lã boa e fofinha como ainda não tinham visto. Dido disse:

— Vamos voltar e agradecer à avó pelo presente, queres?

— Claro! — respondeu a irmã, — porque nós o consideramos como uma grande surpresa!

— Dir-lhe-emos que a razão de acharmos os nossos presentes, — falou Dido —, foi o facto de termos repartido o nosso presente com outros. Se não o tivéssemos feito, acharíamos o nosso presente só depois do Natal.

Segurando a cestinha preciosa, um de cada lado, correram pela estrada em direcção à casa da avó.

(De «O Nosso Amiguinho»)

Como aprendi a fazer PÃO

— Marilyn Melim —

Durante vários anos tentei fazer pão em casa, mas nunca tive muito êxito. Ultimamente, porém, encontrei uma receita e algumas explicações que me abriram o caminho para uma experiência satisfatória neste importante aspecto da vida de uma dona de casa.

Desde a minha juventude que conheço a seguinte declaração do Espírito de Profecia: «O pão é o verdadeiro bordão da vida, e portanto toda a cozinheira deve ser excelente em fazê-lo ... É dever religioso de toda a jovem cristã e de toda a senhora aprender a fazer quanto antes pão bom, isento de acidez e leve, de farinha de trigo integral». (**Conselhos Sobre o Regime Alimentar**, págs. 315, 316). O conhecimento desta declaração tem sido uma inspiração para mim. Tem-me levado a tentar aprender a fazer pão e a chegar finalmente a um ponto em que posso fazer esta operação com êxito.

E há ainda um outro ponto a considerar. O pão cozido em casa é feito com amor por alguém que tem em vista, não o ganho comercial, mas a saúde e o bem-estar da família. Mas, sabemos nós o que verdadeiramente entra na composição do pão que compramos? Que espécie de gordura é usada? Em algumas padarias usa-se banha para untar as formas.

Os ingredientes que entram na composição do bom pão são muito simples. É necessário começar com um pouco de saber e uma boa receita e adicionar a isto imaginação e muita perseverança.

Aqui segue a receita. Pedimos aos leitores que não se assustem com o tamanho dela. Fizemo-la deliberadamente longa, a fim de proporcionar-vos uma explicação detalhada e fácil de seguir. Os passos que dou para fazer pão integral em casa, são os seguintes:

Receita

1. Numa tijela (ou amassadeira) com pelo menos 3 litros de capacidade, ponho 1\$00 (50 g) de fermento de padeiro e duas colheres de sopa de mel de abelhas (ou de melaço, ou de açúcar escuro);

2. Adiciono, em seguida, 3 chávenas de água, aquecida a 40 graus centígrados, e bato até que o mel e o fermento estejam completamente dis-

solvidos. (Obtém-se o melhor resultado usando uma batedeira em ramos de argolas);

3. Adiciono, depois, batendo sempre, meia chávena de farinha de soja e meia chávena de flocos de aveia. Vou adicionando, em seguida, farinha de trigo integral, a pouco e pouco, batendo sempre, até a massa tornar-se esponjosa (leva mais ou menos 3 a 4 chávenas de farinha integral);

4. Cubro a tijela com um plástico e deixo em repouso durante meia hora.

5. Em seguida, misturo uma colher de sopa de sal e mais uma chávena de farinha de trigo integral à massa anterior, usando uma colher forte para executar a mistura;

6. Começo então a adicionar farinha de trigo branca, pouco a pouco, até não ser mais possível continuar a misturar usando a colher;

7. Nesse momento, polvilho com farinha branca o tampo de uma mesa, coloco a massa sobre a farinha polvilhada no tampo da mesa e começo a amassar com as mãos. Vou polvilhando a massa com farinha branca, de vez em quando, para que não se pegue às mãos. Amasso durante dez minutos vistos pelo relógio, até que a massa não se pegue às mãos. (A amassadura é muitas vezes feita pelo meu marido).

8. Unto com óleo uma tijela que possa conter duas vezes o volume da massa (usar duas tijelas, se não se tiver uma suficientemente grande) e coloco a massa dentro dela;

9. Cubro com um plástico e deixo em repouso numa área onde não haja corrente de ar e que esteja suficientemente aquecida. Deixo levedar até que a massa tenha duplicado de tamanho;

10. Tiro então a massa da tijela e amasso-a novamente, o tempo suficiente para lhe tirar o ar (mais ou menos um minuto);

11. Corto a massa em bocados mais ou menos iguais, moldo-os um a um em forma de pães-de-forma e coloco-os em formas untadas com óleo;

12. Cubro as formas com um plástico e deixo levedar até que o tamanho dos pãezinhos se tenha tornado duas vezes maior;

13. Nessa altura, coloco as formas no forno aquecido a fogo médio (eu uso o forno do meu fogão a gás) e deixo cozer durante uma hora. (Costumo fazer o seguinte: quando a parte de cima do pão está com uma crosta acastanhada,

(Continua na pág. 19)

tem a palavra o leitor

As cartas ou artigos a publicar nesta secção devem trazer sempre o nome e o endereço do autor. Terão preferência os textos menos longos. Os pontos de vista apresentados podem não representar a opinião dos editores da Revista e a sua publicação não envolve qualquer responsabilidade denominacional.

«SOL, DETÉM-TE EM GIBEON...»

Josué 10:12

É deveras sintomático o facto de raramente os investigadores se debruçarem sobre este assunto, bastante espinhoso, para o qual, ainda e até ao presente, não foi encontrada uma explicação satisfatória que, pelo menos, se aproxime da autenticidade do facto.

Alguns dos raros e honestos homens que, com real interesse, têm dedicado longas horas ao assunto, apenas concluíram não poder o facto ser contestado à luz da história dos povos mais antigos; o que não basta, e menos ainda satisfaz os sequiosos de ser esclarecidos, tanto quanto esteja ao alcance dos humanos, muito embora as limitações a que todos estamos sujeitos. E é dentro dessas limitações que nos cumpre indagar, evitando emitir opiniões que, nalguns casos, carecem de fundamento, como até, e quantas vezes, se excedem em afirmações sem base e evadidas de erros inconcebíveis, sobretudo quando feitas por homens responsáveis pela posição que ocupam como condutores religiosos.

Com efeito, já se escreveu a seguinte afirmação acerca deste assunto, cujo erro é gritante e digno de forte reparo: «O que parou não foi o Sol mas a Terra.» Ora o que acontece é que se um não pode parar, como pode a outra? É que temos de ter em conta que tanto o Sol como a Terra estão de tal forma interligados na sua rota, como aliás todo o Universo, que o mais pequeno desvio, a mais curta paragem, e o cataclismo seria inevitável.

Há pois que ser cauteloso para evitar todo um somatório de erros susceptíveis de induzir no engano pessoas desprevenidas ou menos preparadas.

Porém, que isto não sirva de justificação para estimular a negligência em aprofundar este, bem como outros temas pertinentes, os quais contribuirão de algum modo para cimentar a nossa confiança na veracidade dos Escritos Sagrados.

Mas vejamos o relato do acontecimento, tal como se apresenta ao investigador curioso e atento:

Josué havia sido ludibriado pelos habitantes de Gibeon que, temerosos dos possíveis efeitos de uma rendição incondicional aos invasores, escolheram o pior caminho, recorrendo à fraude, cujas consequências vêm relatadas no Cap. 9. Servindo-se da astúcia, forçaram o condutor de Israel a, na sua boa fé, assumir um compromisso de auxílio no caso de um ataque inimigo, o que de facto se verificou não muito tempo depois.

Ao ter conhecimento da ocorrência, Josué, como homem honrado e respeitador dos compromissos assumidos, como é timbre de todo o fiel servo de Deus, correu em socorro dos seus aliados, caminhando em marcha forçada a noite inteira, ele e os seus soldados, e desbaratou os exércitos atacantes, não tanto pela acção militar como pela intervenção divina, o que deu em resultado uma fuga desordenada, dificultando imenso a acção dos soldados, a qual, conforme as regras de então, visava o extermínio total dos vencidos, a fim de evitar futuras retaliações da parte dos descendentes daqueles que escapavam, e cujas consequências eram sempre imprevisíveis.

Deste modo, as forças de Israel tinham de correr em perseguição dos seus inimigos que, ou fugiam, ou, por exaustos, se refugiavam no mais pequeno abrigo que se lhes deparava. E entretanto o tempo escoava-se, causando sérias apreensões nas hostes de Josué, o qual, como é natural, estava vivendo horas de ansiedade vendo o Sol a declinar. Que fazer? Caída a noite, não mais seria possível a acção e diluía-se a oportunidade de ver exterminados os seus inimigos, o que poderia acarretar a longo prazo novo confronto militar, talvez numa altura de menores probabilidades de sucesso. O chefe guerreiro devia estar suportando forte pressão emocional, vendo

escapar-se-lhe uma oportunidade soberana que, não sendo devidamente aproveitada, talvez os descendentes tivessem de pagar caro num futuro mais ou menos distante.

É pois de crer que, em tal situação, tivesse apelado com toda a sua energia moral e consciente para Deus, que tão visivelmente Se havia manifestado numa forma tão favorável. E cheio de esperança e confiança no Altíssimo, galvanizado pela esperança e pelo sucesso da batalha, olha para o céu, sentindo dentro de si algo de estranho, solta um brado de inspiração divina e grita um poema inédito: «Sol, detém-te no vale de Gibeon; e tu, Lua, no vale de Aijalon.»

Esqueçamos por agora a Lua, que em nada influi no resultado final do reconto, uma vez que era o Sol que se carecia, e vejamos o restante da citação: «E o Sol se deteve até que o povo se vingou dos seus inimigos.»

Como se verifica, não mais se refere à Lua. É portanto aquilo a que se pode chamar uma «liberdade poética».

Tal como atrás ficou dito, o Sol não pode parar. Tudo está regido por leis que de modo algum podem ser alteradas. Como pois clarificar o fenómeno, o qual não pode ser negado?

Sem dúvida que é difícil. E até mesmo qualquer explicação que venha a lume terá sempre de ser condicionada a uma apreciação rígida e imparcial, e nunca aceita de ânimo leve como sendo a última palavra.

E, dentre as muitas que possam surgir, apresenta-se-nos esta, aceitável, sem dúvida, mas que, como atrás fica dito, terá de ser analisada e sujeita a qualquer crítica construtiva para se evitarem mais erros, sempre condenáveis e de funestas consequências.

Mas vejamos: É do conhecimento de toda e qualquer pessoa que se debruce sobre este ramo da ciência que, quando contemplamos um pôr-de-Sol, dos espectáculos mais belos que este mundo oferece aos mortais, aquele Sol que estamos a admirar, por um fenómeno de refração, já ali não está.

Esta é uma verdade científica que não pode negar-se sem correr o risco de cair no ridículo.

Pois bem, porque não admitir que Deus, com o Seu ilimitado poder, tenha atendido a súplica do Seu servo, prolongado por horas um fenómeno que todos os dias se repete por escassos minutos?

Muitas vezes se diz, e isto à guisa de explicação para situações anormais que se nos deparam, ser grande o poder de Deus. E Ele, que tudo criou, tem poder para alterar as leis que são feitura Sua.

CARNE E PEIXE

É certo. Mas porque levar tão longe na nossa imaginação esse poder do Altíssimo, quase forçando-O a seguir a nossa linha de pensamentos, quando temos à mão elementos naturais e seminaturais que podem ser utilizados pelo Senhor em favor do homem?

Que, de resto, é isso que lemos no Evangelho e em toda a Escritura Sagrada.

Nas bodas de Caná, diz-nos o relato que faltou vinho e Jesus mostrou o Seu poder suprimindo a necessidade. E como o fez? Servindo-Se dos elementos naturais: a água e os servidores. «Enchei de Água as talhas.» Porque não ordenou simplesmente e tudo apareceu feito? Porque não tinha poder para tanto? Ninguém acreditaria em tal. Mas apenas porque Deus só faz aquilo que está para além das possibilidades do homem.

Na ressurreição de Lázaro, o que seria mais difícil? Fazer retornar à vida um ser que estava morto há quatro dias, ou revolver a pedra e mesmo desligar o defunto? Porque não fez tudo? O mesmo princípio se aplica neste caso.

Considerar esta explicação com a mais exacta, ou talvez a única, seria presunção. É contudo bastante racional e muito de admitir, embora deixando aberta a porta aos investigadores para outras conclusões, porventura mais aceitáveis.

E, entre muitas, acrescenta-se aqui a opinião de alguns comentadores, os quais admitem que o fenómeno em questão visava também confundir, aos olhos daqueles povos pagãos, o poder dos seus deuses, como eram o Sol e a Lua, que foram impotentes diante de Jeová, Deus dos Hebreus, concluindo daí, e baseados no versículo 13, ter havido de facto uma paragem no Sol (ou na Terra), estribando-se exclusivamente no poder onnipotente de Deus, concluindo portanto estar o Sol em realidade no zénite. Em tal caso situam Josué no cimo do monte, à passagem de Bete-Horon, tendo portanto a leste, na direcção de Gibeon, o Sol a pino, e para oeste, no vale de Aijalon, a Lua prestes a eclipsar-se, admitindo portanto não ser a hora do pôr-do-Sol, hora essa a que a Lua já não seria visível.

Esta, bem como outras que porventura surjam, são perfeitamente de admitir, embora, como atrás fica dito, com alguma reserva, o que de modo algum impede os investigadores de continuar o seu trabalho, sempre útil e oportuno, evitando, como é lógico, os dogmatismos, também sempre condenáveis em assuntos de tal natureza.

José M. Graça
Lisboa

Este é o meu testemunho acerca da necessidade, que julgo urgente, de pormos todos (aqueles que tenham coragem, inteligência e fé para o fazer) de parte a carne e o peixe, porque Deus assim o quer.

Já várias vezes tomei a decisão de o fazer, mas acabava sempre por fracassar, porque vivo só com o meu marido que não é crente e não consigo convencê-lo de que não devemos, nos tempos actuais, comer carne nem peixe; e para não estar a fazer duas comidas, acabava sempre por desistir.

Há tempos, conversando com um irmão, ele me dizia que não comia carne nem peixe e contou-me a sua experiência. Disse-me que gostava muito de carne de galinha e, como vive na aldeia, tinha sempre uma boa capoeira e comia só das aves que criava. Mas dum momento para o outro, e estando de boa sade, enjoou de tal maneira a carne de galinha que não podia comê-la fosse de que maneira fosse. Ele tomou aquilo como um aviso de Deus e todos na sua casa puseram a carne e o peixe de parte.

E eu fiquei a pensar na experiência deste irmão.

Acontece que há cerca de três anos fui acometida de uma moléstia de pele que me atacou as mãos. Consultei vários médicos especialistas, tomei remédios, uns internos, outros de aplicação local, e

nunca vi melhoras. Com a prática verifiquei que isto tinha origem interna, pois tinha relação com o que comia. Pus de parte o peixe, embora comesse ainda carne, se bem que pouca, mas as mãos continuavam na mesma. Aconselharam-me um chá. Comecei a tomá-lo e notei algumas melhoras, mesmo consideráveis, mas dum momento para o outro piorei. Fiquei pensando... Como é que eu piorei se não como nada que me faça mal!... Então pensei: Será que eu também preciso duma experiência para acabar por pôr a carne de parte? E assim fiz. Nem carne nem peixe na minha alimentação; e logo comecei a ver as minhas mãos melhorar consideravelmente, até que já estão normais.

Pois não me importa que o meu marido queira carne e peixe. Eu é que decidi não a comer, posto que Deus assim nos aconselha. Acho que deve ser tempo de acatarmos os conselhos de Deus e pô-los em prática na nossa vida. O tempo urge e não sabemos o que nos espera.

Que todos possamos confiar em absoluto no Senhor nosso Deus quando decidimos pôr em prática o que Ele nos aconselha. Esta é a minha experiência e os meus votos sinceros para todos os irmãos.

Isabel Carvalho
Porto

Nada Seria

Ainda que tudo de belo me rodeasse,
Pensando mesmo que nada me faltaria,
Sem o bondoso Jesus a meu lado,
Eu nunca, nada seria!

Riquezas, luxo e distrações,
Sempre amigos em minha companhia,
Seria tudo em vão. Sem Jesus a meu lado,
Eu nunca, nada seria!

Mesmo que a ilusão da felicidade
No pensamento estivesse, de nada valeria.
Sem o bondoso Jesus a meu lado,
Eu nunca, nada seria!

Se, apesar de tudo, nada tivesse,
Mas Jesus estivesse em minha companhia,
Confio, eu creio e estou certa
Que eu tudo, tudo seria!

Lucelinda Godinho

SEGUNDA CONVENÇÃO DE ANCIÃOS DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA

Não temos palavras para exprimir o maravilhoso espírito que reinou entre todos os participantes da Segunda Convenção de Anciãos, realizada de 29 a 31 de Agosto, na Costa de Lavos.

Foram poucas as horas que estivemos ali juntos como irmãos em Cristo, estudando e procurando ajudar-nos mutuamente para melhor servirmos a Igreja do Senhor. Nessas poucas horas, entretanto, sentimos que prosperámos no conhecimento e na prática do amor cristão, e que as nossas despesas e sacrifícios de viagem, o desconforto do alojamento, foram centuplicadamente recompensados, pois ficámos todos mais amigos, mais irmãos e mais conscientes da responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros.

Com isto, procura a administração do Campo Português seguir as orientações do Espírito de Profecia, dando ao ancião o lugar que lhe compete, como sub-pastor, na igreja, para que possa, se necessário, na ausência de um pastor, assumir as responsabilidades sem que a Obra sofra solução de continuidade.

Pouco a pouco devemos nós, os pastores, entregar aos leigos a administração das igrejas, a fim de podermos seguir para novos campos onde a verdade não penetrou, e aí edificar novas congregações que, por sua vez, tão cedo quanto possível, possam emancipar-se da tutela pastoral, devendo os pastores continuar mais além a sua obra de evangelização.

Este foi o tipo de ministério de Paulo. Avançando sempre para pregar nos lugares onde Cristo não havia sido anunciado e deixando atrás de si igrejas organizadas sob a direcção de anciãos consagrados que zelavam pelo rebanho com amorável cuidado e firmeza.

Eis a orientação que Deus dá para a Sua última Igreja: «Se fossem dadas as devidas instruções, caso fossem seguidos métodos apropriados, todo o membro da igreja faria o seu trabalho como membro do corpo. Faria trabalho missionário cristão. Mas as igrejas estão morrendo, e querem um ministro que lhes pregue.»

«Em vez de conservar os ministros trabalhando pelas igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros das igrejas a esses obreiros: 'Ide trabalhar pelas almas que perecem nas trevas. Nós mesmos levaremos avante os trabalhos da igreja. Nós realizaremos as reuniões, e, estando em Cristo, manteremos vida espiritual. Trabalharemos pelas almas que estão ao nosso redor, e elevaremos nossas orações e mandaremos nossas ofertas para manter os obreiros nos campos mais necessitados e destituídos de auxílio.'» — **Evangelismo**, págs. 381, 382.

Naturalmente esta orientação não pode ser seguida de um momento para o outro sem o devido reparo. Gradativamente, a pouco e pouco, na medida em que se preparam homens para uma verdadeira liderança cristã, devemos também ir delegando responsabilidades até que o plano de Deus possa ser aplicado sem nenhum prejuízo para a igreja. Aplicá-lo sem que haja esta preparação e uma mentalização dos nossos membros seria um grande prejuízo. Daí, estas convenções, estes concílios, que são como o ensaio dos primeiros passos nessa direcção.

Podemos afirmar que em algumas partes do mundo este plano

já está a ser aplicado com muito êxito, e tem sido uma experiência maravilhosa, tanto para a igreja, que se esforça para fazer o melhor, como para o ministro, que adquire uma nova experiência evangelística.

Pelas seguintes sugestões feitas ao Conselho, nesta Convenção de Anciãos, nota-se o desejo do Campo Português de seguir esta orientação divina.

Sugestões

«Dado que nem sempre as igrejas estão cónscias do que é realmente um ancião, pedir aos pastores de todas as igrejas:

«a) Que se façam cultos em todas as igrejas realçando os deveres e autoridade do ancião, esclarecendo os membros, a fim de que estes possam dar sempre apoio, colaboração e o devido respeito aos anciãos;

«b) Pedir aos pastores que processem uma integração completa dos anciãos em todas as actividades da igreja: departamentos, visitação, administração, reuniões, etc.»

Ainda foi sugerido que a próxima Convenção de Anciãos seja realizada numa ocasião em que se possa ter a presença de todos os pastores do Campo Português, a fim de que, juntos, possam ser debatidos os assuntos de maior interesse.

Dirigiram os trabalhos desta Convenção os pastores A. Baião, presidente; E. Rodriguez, da União; e o signatário.

Oremos e trabalhemos para que a Igreja cresça mais e mais em poder e força para concluir a obra que lhe foi designada.

Benito Raymundo



O presidente da Associação no uso da palavra

notícias do campo



IGREJA DE VILA DO CONDE

Um Dia Grande

Grande foi o dia de hoje (Sábado, 16/8/75) pela apresentação ao Senhor, duma dádiva do Céu ao jovem casal Juan Eugénio e Maria José. Grande em significado pelo nome recebido: Juan Miguel—Juan, «Deus é gracioso»—Miguel, «Quem é semelhante a Deus?».

O Pastor Eugénio Rodriguez soube expor-nos com clareza e inspiração o que a Palavra de Deus nos diz a este respeito. Alertou os pais, alertou toda a igreja da responsabilidade que temos em diligenciarmos para que esta criança possa encontrar o apoio humano para se tornar um digno filho de Deus. Meditámos profundamente nos esforços que temos de fazer para podermos dar bons exemplos e, para isso, quando o pastor recebeu das mãos da mãe o Juan Miguel e, prostrado de joelhos com toda a congregação, rogou em humildade e com fé para que o Senhor abençoasse este menino, abençoasse os pais, abençoasse toda a igreja, sentimos na verdade que o Espírito Santo estava presente.

Depois, o pastor, avô paterno, entregou o apresentado ao ancião da igreja, avô materno, que desejou aos pais, ao entregar-lhes o menino, que, no último dia, eles o pudessem entregar a Jesus, dizendo: «Eis-nos aqui, com o filho que nos deste.»

Na verdade, grande foi este momento que pode representar para todos a grandeza da eternidade, se nos deixarmos imbuir da certeza que Deus é gracioso e do sentimento: Quem é semelhante a Ele?

O culto que se seguiu foi o prolongamento deste acto e então, em mais pormenores dos ensinados da Palavra de Deus, o Pastor Eugénio Rodriguez nos dirigiu o pensamento para a necessidade que temos de urgentemente nos apoderarmos da permanência do dom do Espírito Santo na Igreja de Deus.

Eis pois o que foi um enriquecimento e um dia grande para a Igreja de Vila do Conde. E terminamos com o desejo sincero de que este alerta possa ser lido, sentido e obedecido em todos os que leiam ou oiçam ler o que aqui foi apontado.

Vosso em Jesus,
Amadeu da Silva Mendes

IGREJA DE SETÚBAL

O «Hosana» em Viena

PELA PRIMEIRA vez a Europa assistiu a uma Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Compreensível a expectativa que Portugal viveu, pois para a maioria do Povo de Deus deste país, a ocasião de participar nesta assembleia magna, foi acontecimento único.

Pareceu-nos cheia de sabedoria a decisão de escolher Viena de Áustria para ponto de encontro dos Adventistas de todos os quadrantes do mundo. Cidade maravilhosa, extremamente acolhedora, que não se impõe ostensivamente e que nos faz sentir em casa, apesar de, para nós portugueses, o idioma ser um aparente obstáculo.

O grupo de crentes que constituiu o Coral Hosana, de Setúbal, e seus acompanhantes, assistiu à última das três sessões em que foi dividida a grande Assembleia. Terá essa divisão constituído uma certa decepção, pois não vimos todos os nossos irmãos na Bendita Esperança, que a Viena se deslocaram, mas é certo que, sendo tão numerosos os delegados e visitantes, se tornaria indesejável e praticamente impossível, reunir todos simultaneamente. As limitações impostas pelos complexos da civilização serão um dia abolidas e não haverá problemas do género na Nova Terra.

O filme da paisagem de plena luz e bulício que a Espanha, França, Suíça e Áustria nos proporcionaram, tanto no aspecto rústico, como das cidades que visitámos, foi bruscamente substituído pelo ambiente calmo e velado que o Stadthalle, com o seu ar condicionado, nos proporcionou. Ambiente propício à meditação e ao culto, enquadrava o cenário onde desfilaram os homens de Deus de todos os povos, todos pulsando ao mesmo ritmo de fé, não obstante a diversa pigmentação da pele ou a diferente maneira de se exprimir, obstáculo este que era superado pelos transidores que punham nos nossos ouvidos a tradução imediata das mensagens de fé ou dos relatórios animadores.

Num ambiente de beleza, mas também de austeridade, nos átrios do Stadthalle, várias representações

dos diversos campos mundiais, mostravam o progresso da Mensagem dos Três Anjos.

A universalidade dos delegados estava bem patente na diversidade de trajos, muitos deles típicos, e era campo fértil para as famintas objectivas dos fotógrafos, que não deixavam de fixar também a felicidade estampada em cada semblante.

O Coral Hosana, honrado por participar na 52.ª Conferência Geral dos A.S.D., não se excedeu a si próprio. Actuando ao lado de conjuntos de requintada craveira técnica e artística vindos de toda a Europa e das Américas, aprendeu certamente bastante e praticou o espírito de humildade, arma indispensável nestas lides.

Não destoou o Hosana no objectivo comum de honrar a Nosso Deus Criador e a Seu Filho Jesus, Nosso Salvador. As suas actuações, tanto no folclore nas Praças de Viena, como no Auditório da Juventude, e especialmente no grande Auditório, foram sempre muito equilibradas e agradáveis, não nos podendo esquecer a sua apresentação no inesquecível programa da tarde do último Sábado das Assembleias.

E se a 53.ª Assembleia Geral fosse já no Céu?

Pergunta que nos faz estremecer, mas simultaneamente fremir de expectativa.

Amém. Ora vem Senhor Jesus!

Cipriano Baptista

IGREJA DE CANELAS

Na manhã do dia 29 de Maio deste ano, a nossa igreja de Canelas revestiu-se dum ar sorridente e florido, pois ir-se-ia celebrar a cerimónia de casamento dos jovens irmãos, Maria da Glória e Fernando Ferreira. Havia bastantes irmãos, visitas e amigos do nóvel casal. O coro apresentou dois dos seus números em reconhecimento e homenagem àquele que tem sido este ano o seu regente. Fazemos votos para que o bondoso Deus abençoe este lar e que ambos possam encontrar na igreja e junto de Jesus o auxílio indispensável na prossecução da sua nova caminhada nesta terra. Parabéns aos nubentes.

13-9-75. Cerimónia baptismal na nossa igreja. Sábado de tarde, soa-lheiro e com a sala bastante concorrida de crentes atentos e visitas interessadas. Foram 5 preciosas almas que nasceram de novo e prometeram agora melhor viver de harmonia com a vontade de Deus e a Sua igreja. Foi a irmã Catarina Antónia, a Maria Ferreira, a Isabel Maria, a Maria Isabel e o Daniel.

Alguns baptizados são ainda novos, a entrarem no período da juventude, são filhos de família crente, e além disso foram eles

mesmos que me disseram: «Pastor, eu queria ser baptizado». Estes são os crentes firmes que não deixam ficar mal a igreja e que com bastante coragem são capazes de resistir a qualquer tentação, venha ela donde vier. A eles se aplicam as palavras de Paulo a Timóteo: «Ninguém despreze a tua mocidade mas sê o exemplo dos fiéis...» Estamos gratos a Deus por mais esta vitória, e que estes novos irmãos sejam o motivo e cuidado nas vossas orações.

Manuel Laranjeira



Os novos irmãos de Canelas

**notícias
do campo**

breves notícias

★ O jovem soldado adventista espanhol que havia sido posto na prisão por as suas convicções religiosas se chocarem com regulamentos do exército, foi agora libertado, em resposta às muitas orações em seu favor e como resultado duma revisão favorável do seu caso pelas autoridades militares, no que diz respeito aos princípios de liberdade religiosa envolvidos.

★ Cerca de 80 estudantes de Collonges, sob a direcção de Jean Flori, conseguiram reunir uma importância recorde de mais de 15 000 francos suíços (cerca de 150 000\$) para o Fundo de Beneficência a Crianças Desprotegidas, alcançando este dinheiro a engraxar sapatos e a cantar em praças públicas.

★ O baptistério de Dammarie-les-Lys, a casa publicadora francesa, foi emprestado ao pastor da Igreja Protestante Reformada. Uma senhora jovem, cujo pai havia seguido um Plano de Cinco Dias, quis ser baptizada por imersão, o que lhe foi concedido na presença da sua família, dos seus amigos e de vários membros da igreja adventista e da comunidade protestante.

★ Os jovens franceses interessam-se muito pela evangelização da juventude. Um grupo deles visitou a cidade de Bayonne-Biarritz, alugou um cinema para reuniões públicas e fez excelentes contactos que serão seguidos por estudos bíblicos e cursos por correspondência.

★ Mais de 250 jovens passaram o fim-de-semana da Páscoa em Avinhão a testemunhar publicamente nas ruas, cantando, falando e distribuindo literatura. Ofereceram cento e oito pequenos livros, combinaram dar estudos bíblicos a 39 jovens e inscreveram quase cem pessoas nos cursos da Voz da Esperança. A experiência gerou tão grande entusiasmo que o mesmo programa vai ser repetido em 1976.

★ O curso de cozinha saudável em Berna, dirigido por Marjorie White, demonstrou a sua validade na prática, organizando-se uma refeição em conjunto de todos os que terminaram o curso. A refeição, totalmente vegetariana, reuniram-se cerca de 50 pessoas, incluindo alguns familiares.

do mundo adventista

★ Foi dedicada uma nova igreja em Korbach, na Associação do Reno Central, União do Sul da Alemanha, no fim de Maio. Os membros da igreja contribuíram com mais de 2000 horas de trabalho voluntário nesta construção. A igreja tem 52 membros e muitas crianças. No mesmo dia foi dedicada outra igreja, com 65 lugares, em Muehlacker, na Associação Baden-Wuerttemberg, Alemanha.

★ A primeira reunião do Conselho da Divisão no novo quinquénio realizou-se em Berna a 5 de Agosto, com a presença do presidente cessante C. L. Powers e sob a presidência do novo presidente eleito, Edwin Ludescher. Este havia já tomado a palavra no culto matinal regular dos escritórios da sede.

★ O Dr. Balaneskovic, médico e também ancião de igreja na Jugoslávia, foi chamado a servir na nossa obra médica no Chade. Passará primeiro alguns meses em Collonges a estudar a língua francesa e depois outro tanto tempo em Antuérpia tirando um curso de Medicina Tropical.

★ Juvenal Gomes, ex-tesoureiro da União de Angola, foi nomeado para o cargo de secretário-tesoureiro da União Sul-Europeia, com sede em Roma.

★ Maurice Zehnacker, que prestava serviço nos Camarões, foi nomeado presidente da União da África Equatorial em substituição de Edwin Ludescher, actual presidente da Divisão.

★ Um novo programa de rádio em espanhol é agora irradiado de Malta. O espanhol foi a 19.ª língua a ser utilizada pela Rádio Adventista Mundial. O programa é preparado por Milton Peverini em Glendale, Califórnia.

★ A primeira sessão de formatura realizada no novo Seminário Espanhol teve lugar no fim-de-semana 20-22 de Junho. Falaram os pastores Ernesto Ferreira, Manuel Sanchez e Júlio Peverini. Houve quatro diplomados, três em teologia e um em pedagogia.